

“Semideuses no meio de feras”: o papel do Homoerotismo no retrato dos Macedônios em fontes greco-latinas

“Demi-gods among wild beasts”: the role of homoeroticism in the depiction of macedonians in greco-latin sources

Lucas Lira Ferreira²⁰

Artigo recebido em 13 de outubro de 2025

Artigo aceito em 15 de janeiro de 2026

Resumo: O presente artigo tem como escopo temático o retrato de relações homoeróticas em duas fontes do século I d.C., a biografia de Alexandre da Macedônia composta pelo grego Plutarco de Queroneia e o relato historiográfico do romano Quinto Cúrcio Rufo sobre a mesma personagem. Encontramos no contexto das fontes um retrato dos macedônios como portadores de uma identidade étnica distinta de gregos e romanos. Considerando tais diferenças, buscamos estabelecer as diferentes práticas de relacionamentos homoeróticos no mundo greco-macedônico, seu lugar na mentalidade romana do século I d.C. e o retrato feito pelas fontes de tais relacionamentos. Entendemos que os macedônios são utilizados pelas fontes como dispositivos retóricos para fornecer exemplos ao público, conforme os objetivos de cada autor.

Palavras-chave: Alexandre, o Grande; Homoerotismo; Império Romano; Plutarco; Quinto Cúrcio Rufo

Abstract: This article focuses on the depiction of homoerotic relationships in two sources from the 1st century C.E., the biography composed by the Greek Plutarch of Chaeronea of Alexander of Macedon and the historiographic account by the Roman Quintus Curtius Rufus about the same character. We find, in the context of those sources, a portrayal of the Macedonians as bearers of a unique identity, which differs from those of Greeks and Romans. Considering these differences, we aim to establish the different practices of homoerotic relationships in the Greek-Macedonian world, its place in the Roman mentality from the first century C.E. and the depiction by our sources of such relationships. We see that the Macedonians are used as rhetoric figures by the sources to provide moral exempla to their readers, according to each author's objectives.

Keywords: Alexander, the Great; Homoeroticism; Plutarch; Roman Empire; Quintus Curtius Rufus

Introdução

Ao analisarmos atentamente as obras do período romano a respeito da vida e conquistas de Alexandre III da Macedônia, percebe-se o fator de diferenciação étnico-cultural atribuído aos macedônios pelos autores destes

²⁰ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Juliana Bastos Marques; bolsista do Programa de Excelência Acadêmica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Proex-CAPEs). <https://orcid.org/0009-0003-8726-8455> E-mail: lucas.ferreira@edu.unirio.br.

textos. A leitura traz à tona o fato inegável de que a sociedade romana do século I d.C. não enxergava os habitantes da região ao norte da Grécia como portadores da mesma cultura, educação e costumes que os romanos ou os gregos.

Em algumas das obras do período, há um evidente caráter moralizante subjacente aos textos. Enquanto Alexandre é, obviamente, o ponto focal destas narrativas – que versam sobre fortuna, autocontrole, bom governo e os limites das relações com povos conquistados – outras personagens também desempenham papéis retóricos importantes. A maioria o faz a partir de sua relação e interações com o rei, auxiliando os autores a delinearem o caráter do protagonista positiva ou negativamente, enquanto outras atuam em seus próprios núcleos para formar retratos a respeito de seus grupos étnicos. Este é o caso com alguns dos macedônios retratados nas obras e suas relações homoeróticas.

Identificamos nos escritos de Plutarco de Queroneia e Quinto Cúrcio Rufo sobre Alexandre III um discurso a respeito dos macedônios que, em primeiro lugar, serve a objetivos específicos dos autores no que diz respeito à retórica e, em segundo, apresenta uma construção que não os considera como seus iguais, enquanto não tornam completamente explícito aquilo que os torna diferentes. O escopo temático do presente artigo, que deriva de nossa atual pesquisa de mestrado a respeito do homoerotismo macedônico, é a análise de como as práticas homoeróticas macedônicas aparecem nestas duas obras. Desta forma, o presente artigo procura aferir como estas práticas se relacionam com ideais romanos de virilidade e como estes ideais influenciam o relato dos autores analisados.

O homoerotismo surge esporadicamente nas fontes, atuando como característica de diferenciação cultural dos macedônios em relação aos autores e seu público. Procuramos perceber, através das personagens às quais as práticas homoeróticas são incutidas ao longo das obras, o tipo de associação que é feita entre homoerotismo, os macedônios e os ideais de virilidade da sociedade romana no século I d.C. Nosso objetivo é entender o papel das relações

homoeróticas no imaginário desta sociedade, para que possamos produzir interpretações a respeito da presença destas relações nas fontes.

Inicialmente, apresentaremos as perspectivas de gregos e romanos a respeito dos macedônios. A partir da narrativa das fontes a respeito de Alexandre e seus companheiros militares, podemos identificar a maneira como os autores distinguem o rei de seus conterrâneos, usando da caracterização de Alexandre e de seu grupo para servir a seus propósitos retóricos. Em um segundo momento, nos aprofundamos na percepção de gregos e romanos do século I d.C. a respeito do homoerotismo, suas implicações na vida pública, aceitação ou repressão e a maneira como essa prática é representada nas fontes, sobretudo, a quais personagens é associada. Por último, apresentamos exemplos das representações homoeróticas nas fontes referidas, analisando a maneira como estas representações se relacionam com o retrato que os autores desejam construir de Alexandre e dos macedônios.

A perspectiva macedônica em nosso estudo está bastante reduzida, em primeiro lugar pela própria escassez documental, e, em segundo, pelo foco temático do estudo estar associado ao período do império romano e no jogo retórico em torno da figura de Alexandre, que, por um lado, mobilizava o interesse grego em exaltar a cultura helênica perante as autoridades romanas e, por outro, trazia a percepção latina de Alexandre como tirano, cuja emulação era algo a se temer, não estimular.

Parte I: O papel dos macedônios nas fontes greco-latinas

As fontes sugerem que a dinastia Argéada buscava provar-se como culturalmente mais próxima dos gregos do que o restante dos macedônios, o que se reflete em algumas falas incutidas a Alexandre. O mesmo não é dito a respeito do restante dos macedônios. Conforme demonstrado por Rainer Guggenberger (2019), o texto plutarquiano evidencia que os gregos do sul consideravam os macedônios como “terceira categoria”, “nem bárbaros e nem helenos”, sendo também os habitantes da Trácia e de parte do Epiro tratados de

maneira similar. Tal tratamento só não seria dispensado a Alexandre devido a intenções bem delimitadas de usá-lo como dispositivo de propaganda.

Guggenberger (2019, p. 44), argumenta que, na biografia de Plutarco, o grupo social dos macedônios parece pouco interessado em ser identificado como heleno, sendo Alexandre a exceção. A análise demonstra que há evidências suficientes na biografia para considerar que seu autor fazia uma distinção clara entre o estatuto de heleno e de macedônio, por vezes pondo em conflito estas duas categorias (GUGGENBERGER, 2019, p. 47). Percebemos tal conflito quando Alexandre, em sua discussão com Clito, refere-se aos gregos como “semideuses no meio de feras”, quando vistos em meio aos macedônios (PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, 51, 4)²¹. A fala reflete o embate entre os dois grupos que Plutarco desejava representar. Por isso, para compreender esta construção, faz-se necessário pensar o lugar dos macedônios na obra do biógrafo grego; melhor posto, a perspectiva de Plutarco em relação aos macedônios.

Analisando textualmente a fonte, Guggenberger dirá que, na passagem supracitada, onde compara helenos e macedônios, “Alexandre, irritado, exprime a convicção de que os helenos são superiores aos macedônios” (2019, p. 48). No entanto, há aspectos nos quais o rei considera os macedônios como superiores. Entendemos esta conjuntura como expoente das opiniões de Plutarco em relação aos macedônios e aos helenos, não como as de Alexandre. Conforme Guggenberger, também não consideramos essencial para este breve estudo ater-nos às adaptações que Plutarco faz às suas fontes²². Acreditamos que sua escrita está relacionada a seu público, à forma como esse público reagiria a seus trabalhos e às ideias que tencionava exprimir sobre suas próprias concepções filosóficas e morais. Tal abordagem se deve à escolha da teoria da recepção em nosso método de trabalho. Tomamos como referência o público presumido dos autores analisados, a compreensão deste público a respeito dos temas abordados

²¹ Doravante abreviado nas referências como Plut., *Alex*.

²² Guggenberger (2019, p. 45) propõe uma análise do conteúdo por si. Explica que na análise proposta “pouco importa [...] se as distorções dos fatos se devem a Plutarco ou as suas fontes”, assim como não é de suma importância que o texto de Plutarco não reflita “a autêntica opinião dos contemporâneos de Alexandre”.

e que dispositivos linguísticos estariam disponíveis para a interpretação das obras escolhidas à época de seus autores²³.

Na obra de Plutarco, assim como na de Cúrcio Rufo, consideramos que o rei é uma personagem construída com uma intenção retórica. Desse modo, suas atitudes refletirão aquilo que estiver no interesse do autor para sua narrativa. No escopo retórico da biografia, os helenos, como também – e talvez, principalmente – os romanos têm algo a aprender com o Alexandre de Plutarco. Vanessa Ziegler (2009, viii) demonstrou como Plutarco considerava Alexandre o mais próximo de um “governante ideal”. O *basileus* macedônio atua na obra simultaneamente como paradigma de bom comportamento e alerta de vícios a serem evitados. Vemos este referencial em Alexandre como condizente com o momento sociopolítico que Roma apresentava à época de Plutarco – a segunda metade do século I d.C. De acordo com Ziegler (2009, p. 43), a expansão militar do território romano culminou em conflitos sociais e na crise da República. O poder do Senado, então, enfraquecia-se cada vez mais, enquanto o poder político dos líderes militares recrudescia.

Dadas as conquistas militares de Alexandre e o relativo sucesso que teve ao administrar uma grande expansão territorial, a escolha de Plutarco de usar os êxitos do macedônio como forma de sugerir comportamentos aos governantes romanos é plausível. Além disso, o tratamento dispensado por Alexandre aos povos conquistados, tido como conciliador²⁴, poderia parecer desejável para Plutarco, que vivia em Roma como um habitante de uma região conquistada pela capital. Ziegler (2009, p. 57) diz que há uma tendência historiográfica em pensar na construção de uma “identidade grega” na obra de Plutarco, especialmente pela escolha de comparar, em sua maioria, personagens gregas com

²³ Apesar de reconhecermos a importância da teoria da recepção para este trabalho, não iremos nos aprofundar em questões metodológicas, para manter a brevidade e o foco no escopo temático proposto. Cf.: BATSTONE, William. Provocation–The Point of Reception Theory. In: MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard F. *Classics and the Uses of Reception*. Malden: Blackwell, 2006.

²⁴ A distribuição de cargos para nativos das regiões conquistadas, o casamento com famílias politicamente influentes destas regiões e a manutenção das formas próprias de organização foram características da administração macedônica sob o domínio de Alexandre. Apesar destas escolhas políticas, não houve hesitação do rei em arrasar os setores que se opunham à sua conquista.

personagens romanas. Para Simon Swain (1990, p. 128-9), por exemplo, Plutarco o faz por acreditar numa superioridade da cultura grega e da *paideia*, a educação grega, como forma de articular as virtudes do ser e de controlar os impulsos para os vícios. Embora esta tendência não seja unânime entre a historiografia plutarquiana²⁵, o caráter moralizante e a importância da *paideia* na obra do biógrafo não podem ser ignorados²⁶. Alexandre, no entanto, não era grego. Logo, seu papel como arauto da cultura helênica e modelo de governante na biografia está associado a algumas concessões e artifícios retóricos utilizados por Plutarco.

Um dos principais pontos da caracterização de Alexandre é sua educação, responsabilidade do filósofo Aristóteles. Os estudos do rei serão enfatizados diversas vezes durante a obra e são um dos signos de sua distinção em relação a outros macedônios. Usando deste detalhe, Plutarco é capaz de incutir a Alexandre as virtudes almejadas pela *paideia* grega e admiradas pelo público romano. Se Alexandre é, então, o paradigma de bom comportamento (até deixar de sê-lo, por volta da metade da obra), os macedônios, embora não sejam exatamente o contrário de seu rei, são caracterizados por Plutarco como despreocupados com questões que, aos helenos, seriam muito caras.

Sulochana Asirvatham (2010, p. 112) argumenta que entre os séculos I e II d.C., “Alexandre é um herói cultural ‘grego’, e muito poderoso neste papel”²⁷. Plutarco contrasta, então, o bom governo do *basileus* com o comportamento reprovável dos macedônios. Tal contraste também é cuidadosamente delineado entre Alexandre e seus pais, Filipe II e Olímpia de Epiro. Asirvatham diz que a

²⁵ Ziegler (2009, p. 58-9) entende que não havia interesse em construir uma identidade grega ou de fortalecer esta identidade, já que o biógrafo estava integrado ao sistema de governo romano, ocupando cargos administrativos importantes. Vemos, por outro lado, que a própria ascensão de Plutarco a estes cargos, bem como sua manutenção neles, deve-se à admiração romana pela cultura helênica, algo de que o biógrafo pode se aproveitar para construir suas relações com indivíduos influentes e que precisaria cultivar para manter seu prestígio entre a elite romana. Cf.: BECK, Mark. Introduction: Plutarch in Greece. In: BECK, Mark (Ed.) *A Companion to Plutarch*. Chichester: John Wiley & Sons, 2013, p. 1-10; STADTER, Philip A. Plutarch and Rome. In: BECK, Mark (Ed.). *op. cit.*, p. 13-31.

²⁶ Cf.: PINHEIRO, Joaquim José Sanches. *A mimesis paidêutica*. In: PINHEIRO, Joaquim José Sanches. *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 93-116.

²⁷ “But in the first and second centuries, Alexander is a ‘Greek’ culture hero and a powerful one at that.”

Segunda Sofística, movimento ao qual Plutarco é muitas vezes associado, descreve Filipe manifestamente como inferior a seu filho. A classicista conclui que este constante reforço de Alexandre enquanto exceção entre os macedônios, mesmo quando suas conquistas militares se devem em grande parte a esses, serve para demonstrar que, dos reis macedônios, Alexandre é o único considerado digno de desempenhar o papel de “híbrido greco-romano” (2010, p. 113). A respeito de Olímpia, Plutarco enfatiza o quanto sua influência sobre o filho foi prejudicial em certos aspectos: Olímpia reprova a generosidade do filho para com os companheiros, que julgava excessiva – e que Plutarco nunca hesitou em elogiar – também alimenta as crenças de Alexandre em ter uma ascendência divina. A rainha-mãe também é criticada por sua devoção aos cultos dionisiacos e por sua presença ativa na política macedônica, além de ser indicada como suspeita de organizar o assassinato de Filipe II (Plut., *Alex.*, 39, 1-8; 2, 2-9; 10, 6)²⁸.

Como supracitado, o interesse e admiração dos romanos pela cultura helênica foi importante para a ascensão e manutenção de Plutarco no sistema político-administrativo do império. Dado os hábitos de *imitatio Alexandræ*²⁹ dos líderes romanos, não surpreende que outros autores gregos, como Arriano e Dio Crisóstomo, tenham dedicado obras ao macedônio no mesmo período. Também não é de total estranhamento que tenham “adotado” Alexandre como heleno, para representá-lo como exemplo de sucesso da *paideia*. Os gregos, de acordo com Asirvatham, viam em Alexandre um meio de defender seus interesses enquanto povo vivendo em meio a governantes estrangeiros (2010, p. 100). Se Alexandre foi capaz de unir diferentes povos e oferecia tratamento igual a gregos, macedônios e “bárbaros”, deviam também os romanos, que se inspiravam em seus sucessos militares, tratar seus subordinados da mesma maneira – especialmente os gregos, que lhes eram a fonte de ensinamentos.

²⁸ Para uma análise aprofundada da personagem de Olímpia nas fontes antigas, cf.: CARNEY, Elizabeth. *Olympias: mother of Alexander the Great*. London: Routledge, 2006.

²⁹ Emulação no período romano, geralmente atribuída a Pompeu, de um conjunto de costumes de Alexandre. Cf. VILLANI, Donata. Entre *imitatio Alexandri* et *imitatio Herculis*: Pompée et l'universalisme romain. *Pallas: revue d'études antiques*, v. 90, 2013, p. 335-350.

Alexandre é usado para reafirmar a posição e relevância dos gregos enquanto intelectuais naquela sociedade. Em contraste, os macedônios são caracterizados como quase bárbaros, sem ética e facilmente tentados pelos luxos dos povos conquistados (ASIRVATHAM, 2010, p. 114). Asirvatham entende que o esforço da casa Argéada em mostrar sua “helenidade” fez com que os macedônios figurassem nas suas narrativas em segundo plano, atuando como “súditos não-gregos” (2010, p. 100). Conforme a perspectiva em relação ao domínio romano muda, também se altera a percepção dos autores gregos em relação ao domínio macedônio de outrora, estendendo o discurso negativo aos monarcas e abandonando o fascínio por Alexandre. Élio Aristides, autor grego do século II d.C., tecerá diversas críticas aos macedônios, inclusive à ausência da oratória em sua cultura e educação (ARISTIDES, *Resposta a Platão*, 238)³⁰.

Se os gregos utilizavam Alexandre como meio de manter sua relevância política e intelectual, os romanos perceberam a importância das representações e narrativas sobre Alexandre ainda antes. Desde que Pompeu adotou o epíteto *Magnus* e o estilo de corte de cabelo e indumentária do macedônio, autores latinos perceberam a influência de Alexandre e a relação conceitual próxima entre a expansão territorial romana e a de Alexandre (ASIRVATHAM, 2010, p. 114). A preocupação com a *imitatio Alexandri* por parte dos generais reflete-se nas obras dos autores latinos, dos quais, somente um dedicou um trabalho completo a Alexandre, o historiador Quinto Cúrcio Rufo. A difícil datação do autor torna complexa a tarefa de analisar seu contexto e público, mas não impossível. Uma vez que não há registros exatos sobre Rufo, podemos apenas trabalhar com inferências a respeito de sua identidade. Concordamos com a perspectiva de parte da historiografia de posicioná-lo à época do governo de Claudio, entre os séculos I a.C.-I d.C.³¹.

³⁰ Aristides, no trecho citado, fala em tom invectivo de Arquelau I da Macedônia, que reinou entre 439 e 338 a.C. Para uma linha do tempo detalhada da evolução do discurso dos gregos a respeito dos macedônios, cf: ASIRVATHAM, Sulochana R., *op. cit.*, 2010.

³¹ Cf: HAMILTON, J. R. The Date of Quintus Curtius Rufus. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 37, H. 4., 1988, p. 445-456.

Percebe-se no discurso de Cúrcio Rufo um destoar da tradição grega, quando essa tende a escusar Alexandre por seus vícios. O historiador apresenta certas ocasiões de forma menos tênue; ao contrário, tende a acentuar a culpa de Alexandre enquanto minimiza seus gestos de arrependimento, quando comparado a Plutarco. A descrição de Cúrcio Rufo do assassinato de Clito (QUINTO Cúrcio Rufo, *História de Alexandre*, 8, 1, 1-48)³², por exemplo, retrata Alexandre emboscando a vítima, de forma bem mais premeditada do que o relato do roubo embriagado visto em Plutarco (*Alex.*, 50-51). Entendemos que essa avidez em apresentar Alexandre como mais próximo de um sujeito de caráter falho ao invés de um modelo de helenidade que se corrompeu através do contato prolongado com luxos ou pela má-influência de terceiros deve-se justamente a preocupação dos romanos com a *imitatio Alexandri*, que acendia alertas sobre as cabeças romanas. A ideia de adotar costumes dos povos dominados, conforme Alexandre fazia, embora pudesse ser atraente para os gregos, que certamente desejavam ver o alto escalão romano cada vez mais atraído pela cultura helênica, não necessariamente seria interessante para os próprios romanos.

A sociedade romana impunha um código social estrito para os cidadãos (PAUSE, 2024, p. 412), e a concessão de cidadania romana para indivíduos de fora da *urbs* foi um dos fatores de conflito social que ocasionaram a crise da República. Talvez por essa razão, a generosidade e a benevolência de Alexandre para com os persas encontram em Cúrcio Rufo menos encômios do que na biografia de Plutarco. Embora seja necessário admitir que a obra de Cúrcio Rufo diverge do gênero a que se propõe Plutarco, a primeira sendo historiográfica e a segunda biográfica, entendemos que as similaridades retóricas nas duas narrativas permitem uma comparação entre ambas³³. O uso dos dispositivos retóricos da biografia, para nós, denuncia uma intencionalidade de construir

³² Doravante abreviado como Curt., *Hist.*

³³ McQueen (1967, p. 18-9) identifica características do gênero biográfico na escrita de Cúrcio Rufo, além da influência da retórica epidítica. Apesar disso, é evidente o esforço do romano em realizar um exame ostensivo dos feitos de Alexandre, incluindo relatos detalhados de batalhas, descrições elaboradas de discursos e demoradas descrições de cunho etnológico e geográfico dos locais visitados pelo rei, característicos do gênero historiográfico.

Alexandre como uma referência para os generais latinos, mas em uma narrativa significativamente menos elogiosa do que a das fontes gregas. Quanto à caracterização dos macedônios, Cúrcio Rufo também destoa da tradição grega. Retrata-os como vítimas do gênio de Alexandre, o que Asirvatham vê como um reflexo de seu próprio medo – e de seu público – de serem vítimas nas mãos de governantes autocratas (2010, p. 115-6). “Para os gregos romanos, os macedônios são sempre os outros”, enquanto “para os romanos, os macedônios são ‘nós’” (ASIRVATHAM, 2010, p. 116). Tal conjuntura torna plausível a ideia de Asirvatham de que há identificação maior dos romanos com os macedônios ao invés de com um “herói” do passado que representava o baluarte de uma cultura que lutava para sobreviver em meio a um domínio estrangeiro.

Entendemos que há uma questão cultural nos papéis desempenhados por Alexandre nas duas fontes selecionadas. Enquanto Plutarco tentará apresentar o rei como corrompido pela estadia prolongada no Leste, Cúrcio Rufo não terá preocupações em apresentar a corrupção de Alexandre pela fortuna a qualquer momento de sua obra. Estas diferentes perspectivas serão um meio de compreender a maneira como o homoerotismo aparece nestas fontes, uma vez que servirá a propósitos retóricos.

Parte II: Homoerotismo, ideais e práticas

Para entender o uso do homoerotismo enquanto dispositivo retórico, primeiro é necessário destrinchar a ideia que o termo representa, a relação homoerótica. Usado por parte da historiografia moderna para evadir anacronismos carregados pelas categorias de sexualidade existentes hoje, “homoerotismo” designa um interesse sexual – geralmente, momentâneo – entre indivíduos do mesmo sexo na antiguidade (REAMES, 1999, 81-2, nota 5). É evidente que os antigos não encontraram necessidade para nomear este tipo de relação de maneira específica, o que nos lembra que nossa própria necessidade de nomeá-las reflete anseios da lógica social de nosso tempo, de categorizar e rotular, que não se traduzem para o passado (REAMES, 1999, *ibid.*). O uso do

termo enquanto dispositivo para se referir a este tipo de relação não originalmente categorizada é, por sua vez, reflexo do interesse historiográfico em examinar estas relações e da necessidade moderna de referir-se a elas por um termo que lhes seja próprio. Assim, designa o que existia, mas não era designado ou diretamente nomeado. Ainda que sirva para se referir a estas relações sem categoria, a palavra homoerotismo não dá conta em si mesma de compreender as diferentes formas pelas quais as relações entre indivíduos do mesmo sexo eram praticadas na antiguidade, algo que tentaremos estabelecer, brevemente, a seguir.

A pederastia foi a forma mais estudada de relação homoerótica em fins do século XX (REAMES, 1999, p. 81-2). Consideramos esta forma “atenocêntrica”, uma vez que predominava em Atenas e não encontrava par, por exemplo, em Esparta. Isto não significa que não havia relações homoeróticas em outros lugares da Hélade, apenas que eram praticadas, aceitas ou rejeitadas sob outros preceitos, relacionados à cultura de cada região. A pederastia foi um sistema onde um homem adulto se relacionaria com um jovem em idade equivalente à puberdade, normalmente até que este apresentasse o crescimento de sua barba. A relação tinha aspecto educacional, uma vez que o indivíduo mais velho atuaria também como tutor do mais jovem. A idade também era um fator determinante para o aspecto sexual da relação: o mais velho seria o *erastes*, e desempenharia a penetração, enquanto o mais jovem, *eromenos*, seria o penetrado (DOVER, 1978, p. 106).

Há evidências, no entanto, de que mesmo na Ática, a pederastia não era a única forma de relação homoerótica e de que não era praticada seguindo sempre estes pressupostos. Jeanne Reames demonstra que, por vezes, o *eromenos* poderia não ser penetrado, sendo o aspecto sexual da relação perpetrado através de coito intercrural (1999, p. 83). Além disso, certas relações perduravam mesmo após o crescimento da barba do *eromenos*, o que não era bem-visto socialmente.

Dos modos de relação destoantes do “modelo de Dover”, Reames destaca a experiência espartana, que estava intimamente ligada ao exercício militar. A

autora entende que esta mudança de cenário – do *gymnasion* para os campos militares – carrega também uma mudança de perspectiva e de expectativas em relação aos afetos homoeróticos (REAMES, 1999, p. 85). Enquanto não há exclusão de relações em que havia uma diferença substancial de idade, o critério principal para a escolha de um parceiro era sua força física. O caráter educacional da relação tem mais importância em relação ao desejo sexual, mas isto não indica uma natureza meramente platônica dos relacionamentos (REAMES, 1999, *ibid.*).

Finalmente, analisando o caso macedônico das práticas homoeróticas, temos que as relações não estariam restritas a contextos específicos de idade, como no caso da Ática, enquanto teriam um aspecto militar que diferia daquele visto em Esparta (REAMES, 1999, p. 88). Para além disso, percebe-se que, mesmo que não fosse explicitamente previsto, era prerrogativa do rei relacionar-se sexualmente com quem bem entendesse, independente do gênero do parceiro ou parceira e do estado civil do monarca (REAMES, 1999, p. 86)³⁴.

Na Macedônia, os relacionamentos homoeróticos, no geral, iniciariam junto com a carreira de Jovens Reais³⁵, reservada a jovens da elite local. Enviados para campos de treinamento militar entre os 14 e 18 anos de idade, os jovens formariam laços estreitos com outros de mesma faixa etária. Após a conclusão de seu treinamento, seriam enviados para unidades militares. Enquanto não era esperado que a relação continuasse após o período como de treinamento, também não há evidências de que sua manutenção fosse reprovável (REAMES, 1999, p. 88).

Estabelecidas as categorias greco-macedônicas de práticas homoeróticas, podemos pensar, então, em nossa pergunta inicial: como estas relações eram entendidas pela sociedade romana? Para tal, precisamos nos voltar aos ideais de

³⁴ A poligamia do rei era institucionalizada na dinastia Argéada. Cf.: CARNEY, Elizabeth. An Exceptional Argead Couple: Philip II and Olympias. In: SANCHEZ, Anne Bielman (Ed.). *Power Couples in Antiquity*. Routledge, 2019. p. 16-31.

³⁵ Em Plutarco (*Alex.*, 55), *paides*. Cúrcio Rufo, *nobiles pueri* (*Hist.*, 10, 5, 8). Arriano, *basilikoi paides* (*Anábase de Alexandre*, 4. 16, 6). Elizabeth Carney (1981, p. 227) prefere o uso da tradução direta do nome (jovens reais) em detrimento do uso de “pajens”, adotado por Jeanne Reames e maior parte da historiografia. Carney acredita que “pajem” carrega preceitos do período medieval. Entende que a instituição macedônica era única e deve ser tratada pelo próprio desígnio.

masculinidade impostos aos cidadãos romanos. Henrique Pause explica que o cidadão de elite romano – o *vir* – precisava, idealmente, corresponder a uma série de expectativas:

“sucesso na carreira militar; bravura e riqueza; envolvimento político e controle de sua casa; garantia da reprodução, virtude, piedade e justiça; respeito aos deuses e rituais, entre outras características” (PAUSE, 2024, p. 412).

Pause (2024, p. 412-3) propõe que a masculinidade – ou virilidade – romana estaria sustentada por três grandes grupos de práticas a serem observadas pelos cidadãos: as sexuais, as sociais e as comportamentais. Além disso, as práticas sexuais “podem ser resumidas na atividade sexual do homem, isto é, na ação de ser aquele que penetra no ato sexual, exaltando assim as características de dominação, força e controle necessários e esperados”. Entende-se que um “bom” cidadão não se permitiria ser penetrado por outro indivíduo.

Ainda de acordo com Pause, temos que a masculinidade dependia “quase que exclusivamente” do comportamento em público de um indivíduo. Nesse sentido, o cidadão deveria preocupar-se com seus trejeitos, a indumentária e a pilosidade corporal (2024, p. 413). Isto nos sugere que a preocupação do *vir* estava mais voltada para sua aparência diante de seus pares do que, efetivamente, para o cumprimento das expectativas ideais. Era mais importante *parecer* com o ideal do que de fato alcançá-lo. Além disso, conforme vemos em Sêneca, a expectativa de abster-se da penetração era inferida somente aos cidadãos – homens nascidos livres. Para os escravos, era um dever para com seus senhores, enquanto para os libertos, era uma complacência que tinham o “dever moral” de prestar a seu patrono (SÊNECA, *Controvérsias*, 4, prefácio, 10).

Interpretamos que, apesar de não serem encorajadas como em alguns contextos gregos, ou mesmo explicitamente proibidas, relações sexuais entre dois homens não seriam reprimidas, desde que sua prática não se tornasse pública, de modo a manter ilibada a reputação dos homens livres. Como bem aponta Pause, as expectativas estavam no campo do ideal, não sendo sempre

encontradas na realidade. Na verdade, é bem possível que raramente fossem alcançadas por completo. Conforme vemos nos poemas de Catulo (meados do século I a.C.), as atividades sexuais eram desempenhadas por parte da sociedade sem muito pudor ou preocupação com reprovações públicas, fosse com o mesmo gênero ou com o oposto. As expectativas romanas a respeito de sexualidade podem ser consideradas mais performáticas do que de fato um dever de se evitar certos atos. Da mesma forma que seria reprovado a um homem livre ter relações públicas com outro homem, seria também reprovado que falasse abertamente de suas aventuras sexuais com uma mulher, o que de modo nenhum impedia tais possibilidades: importava mais que estes atos não se tornassem públicos.

Parte III: Homoerotismo macedônico nas fontes

Trazendo este entendimento de volta para nossa análise de Cúrcio Rufo e Plutarco, neste último, encontramos uma relutância em tratar dos aspectos sexuais. Cúrcio Rufo, por outro lado, não tem pudores ao falar de relações e interesses sexuais de suas personagens. Faremos, então uma comparação do retrato do homoerotismo nas duas fontes, usando análises dos mesmos casos relatados pelos dois autores. Consideramos as personagens envolvidas e suas relações com os objetivos retóricos de cada autor.

Em uma ocasião, Plutarco aborda amantes do mesmo sexo ao falar de uma conspiração que se formava contra Alexandre. O envolvimento de pares homoeróticos nas conspirações contra Alexandre aparece, também em outras fontes, não sendo um caso isolado da biografia de Plutarco. O primeiro conspirador é o macedônio Limno de Calestra, cuja motivação não é revelada. Limno convidou seu amante, Nicômaco, para participar de seu plano (Plut., *Alex.*, 49, 3). Além de não aceitar participar, Nicômaco – descrito como um jovem rapaz³⁶ – denuncia Limno para seu irmão, que por sua vez alerta Filotas, companheiro do rei. Este último não toma nenhuma ação a respeito. Cebalino,

³⁶ “Νικομάχων τινὰ τῶν νέων, πρὸς ὃν αὐτὸς ἐρωτικῶς εἶχεν”. Reames (1999, p. 87) entende que a ênfase na jovialidade de Nicômaco reflete padrões da pederastia.

irmão de Nicômaco, recorre, então a Ptolomeu, resultando na descoberta da conspiração por Alexandre e na morte de Limno (Plut. *Alex.*, 49, 4-7).

Ao questionar outros conspiradores, Alexandre é informado de que Limno não teria armado tal conspiração por sua própria conta, e acusam Filotas de ser o mentor intelectual (Plut., *Alex.*, 49, 8-9). As acusações resultariam, posteriormente, na execução de Filotas. Enquanto houve outra conspiração, após esta, conhecida como a Conspiração dos Pajens – a que nos referimos por Jovens Reais –, envolvendo os amantes Hermolau e Sóstrato, Plutarco não detalha esta e nem põe em foco a questão homoerótica envolvida. Elizabeth Carney (1981, p. 223) diz que as fontes e a historiografia de Alexandre tendem a enfatizar o problema da vênia³⁷, que teria gerado a conspiração, e a minimizar a conspiração em si, como se ambos os acontecimentos fossem uma unicidade. Plutarco trata toda a ocasião como uma forma de sermão a Alexandre. Os fatos acontecem depois do assassinato de Clito por parte do rei (Plut., *Alex.*, 50), ponto que consideramos crucial na mudança de caráter da personagem, já que é a partir daqui que Plutarco aumenta as reprovações contra o *basileus*. A conspiração também envolve Calístenes, que até aqui não aparece com muito destaque na obra, e surge como um antagonista de Alexandre, mas não como um antagonista dos gregos, necessariamente. Aqui, o papel dos costumes bárbaros será enfatizado.

Calístenes de Olinto, filósofo que Alexandre leva consigo durante as campanhas para registrar seus feitos, desde o momento seguinte a morte de Clito aparece como alguém que estava as voltas com o rei. Não o aconselha de maneira satisfatória após a morte de Clito, deixando para Anaxarco de Abdera, outro filósofo, o trabalho de tirar o rei de sua prostração, através de uma exortação que o equiparava a Zeus enquanto senhor da justiça (Plut., *Alex.*, 52, 1-7)³⁸. Além disso, Calístenes é descrito por Plutarco como muito inflexível em

³⁷ Motivação tanto para o assassinato do companheiro Clito como da conspiração dos jovens reais, a adoção de Alexandre do costume “bárbaro” da vênia – a prostração perante o monarca – não foi bem recebida entre seus súditos greco-macedônios.

³⁸ Plutarco reprovava as alegações de Alexandre de ser descendente de divindades e não faz um retrato muito favorável a Anaxarco de Abdera (Plut., *Alex.*, 37, 1-8).

suas crenças filosóficas, a ponto de se indispor diversas vezes com Alexandre por sua adoção dos costumes bárbaros, em especial, a vênica. Sobrinho de Aristóteles, o filósofo é descrito como benquisto tanto pelos mais velhos como pelos mais jovens (Plut., Alex., 53, 1).

Carney (1981, p. 226-7) demonstra que outros autores fornecem relatos diferentes e mais detalhados da conspiração, mesmo com a tendência a manter o escopo no episódio da vênica e dando pouco detalhamento ao que vem a seguir. No entanto, todos fornecem mais detalhes do que o relato plutarquiano. Arriano, inclusive, contradiz o biógrafo ao dizer que os conspiradores admitiram sob tortura que Calístenes foi o mentor do plano (*Anábase de Alexandre*, 4, 14). Pelo tom elogioso escolhido para falar de Calístenes, entendemos que o filósofo atua aqui como um mártir. Envolvido na supervisão da conspiração ou não, Calístenes não abandonou suas crenças e teimou em prostrar-se a Alexandre mesmo quando era claro que isto lhe ameaçava a vida. Entendemos que Calístenes representa a cultura helênica – fosse por suas crenças ou por seu parentesco com o educador do rei – da qual Alexandre agora se afastava. Não seria interessante para Plutarco, então, associá-lo diretamente a uma conspiração executada majoritariamente por amantes do mesmo sexo. Vemos, então, uma tentativa do biógrafo de esquivar-se da temática homoerótica, mas associá-la aos macedônios quando lhe foi possível – sabendo que tal associação não seria bem-vista ao se pensar as regras sociais da elite romana.

Em Cúrcio Rufo, no entanto, menções ao homoerotismo tem consideravelmente menor pudor, e o historiador latino incute tais práticas até a Alexandre (*Hist.*, 7, 9, 19). Mantendo-nos no relato de Rufo a respeito das referidas conspirações, percebe-se uma diferença de tom, especialmente no tocante às relações homoeróticas. Cúrcio Rufo quer enfatizar, no caso da conspiração de Filotas, que Limno estava inflamadamente apaixonado por Nicômaco, sendo totalmente devoto ao garoto (Curt., *Hist.*, 6, 7, 2). Toma tempo para detalhar diálogos do conspirador com seu amante, com grande ênfase na afeição que tinham um pelo outro e na tristeza de Limno ao perceber que o amante não o acompanharia no plano: “aos prantos, ele primeiro implorou-o que

participasse do planejamento e da ação, em seguida, que se não pudesse participar, que ao menos não o denunciasse” (Curt., *Hist.*, 6, 7, 8-9). Na versão de Rufo, Nicômaco finge ceder aos pedidos de Limno pela afeição que tinha pelo amante, mas “possuía a firme determinação” para não desviar da decisão que tinha tomado de denunciar o esquema (Curt., *Hist.*, 6, 7, 12).

Quanto a conspiração dos jovens reais, o tom de Rufo sobre as relações homoeróticas é tão passional quanto na anterior. Descreve Hermolau como intensamente apaixonado por Sótrato e este último como reciprocamente apaixonado pelo primeiro, a ponto de tomar para si as dores de Hermolau por um castigo infligido por Alexandre (Curt., *Hist.*, 8, 7-8). Ambos eram membros do grupo dos jovens reais, assim como os outros conspiradores. De acordo com Rufo, foi Sótrato que influenciou o jovem Hermolau, que já estava inclinado, a participar no plano para assassinar o rei. Aqui, enquanto Calístenes não é diretamente implicado como mentor da conspiração, é ao menos um acossador, uma vez que Rufo conta que o filósofo estava sempre pronto a dar ouvidos às críticas dos jovens a Alexandre, tendo provavelmente inflamado a ira de Hermolau, em específico (Curt., *Hist.*, 8, 6, 25).

O relato de Rufo sobre a conspiração é tão mais bem detalhado que o de Plutarco quanto é menos elogioso a Calístenes. Enquanto o latino não é particularmente feroz ao filósofo grego, também não o retrata como mártir de uma cultura renegada por Alexandre. Enquanto menções diretas a relações homoeróticas são raras na biografia de Plutarco, em Cúrcio Rufo, são frequentes e acompanhadas de longas descrições que enfatizam os sentimentos dos amantes. Percebe-se que em Plutarco a atitude homoerótica, enquanto está minimizada e escondida, também se associa notadamente aos macedônios, ao passo que, em Cúrcio Rufo, não há tentativas de se ocultar e nem de associar a prática a um grupo específico.

Conforme vimos, o texto latino traz uma percepção dos macedônios enquanto súditos sob o jugo de um rei que impõe suas vontades por meio da autocracia, de modo que, pelos temores romanos, poderiam se associar mais a este retrato do que à imponência e grandiosidade das conquistas de Alexandre.

Apesar disso, não há tentativa de minimizar o homoerotismo praticado pelos macedônios, o que pode indicar que a identificação a eles no aspecto de sujeição hierárquica não seja intencional. Em contraste, Plutarco retrata Alexandre como paradigma de comportamento, incentivando seu leitor a emular seu bom comportamento e apontando os macedônios como maus-súditos sob um bom rei. O retrato plutarquiano dos macedônios exprime a ideia de que são um povo culturalmente inferior aos helenos, e que o próprio Alexandre reconhecia tal fato.

Enquanto os autores antigos não detalham ou debatem diretamente as diferentes práticas homoeróticas existentes em seu tempo, é evidente que estavam cientes de sua existência. A maneira como lidam com o assunto denota que, enquanto não fomentam tais práticas em seus textos, não falam diretamente contra elas, o que reflete a tendência da elite romana de manter as suas práticas e preferências sexuais no âmbito privado. Enquanto nos é evidente que há uma relação entre as práticas culturais macedônicas, o homoerotismo e a forma como são descritos nas fontes greco-latinas, percebemos que há uma influência muito maior desta relação em Plutarco do que em Cúrcio Rufo. O biógrafo grego parece mais preocupado em descrever os macedônios por suas diferenças em relação aos gregos do que o latino. Ao mesmo tempo, parece mais preocupado em evitar o homoerotismo, o que indica que seu público poderia ter preconceitos negativos a respeito das associações de gregos com as práticas.

Fontes primárias

AELIUS Aristides; TRAPP, Michael. *Orationes*, volume I. Harvard University Press, 2017.

ARRIAN; HAMILTON, J. R.; *The Campaigns of Alexander translated by Aubrey de Sélincourt*. London: Penguin Books, 1971.

CATULO; OLIVA NETO, João Angelo. *O livro de Catulo*. Editora da Universidade de São Paulo, 2024.

PLUTARCH. *Lives: Demosthenes and Cicero. Alexander and Caesar*. With an English translation by Bernadotte Perrin. Vol. 7. London: William Heinemann; 1919.

PLUTARCO; SILVA, Maria de Fátima; BRANDÃO, José Luís. *Vidas Paralelas: Alexandre e César*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

SÊNECA el viejo; LAJARA, Ignacio Javier; ÁLVAREZ, Esther Artigas; PERMANYER, Alejandra de Riquer. *Controversias*. Libros I-V. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

QUINTUS Curtius Rufi. *Historiarum Alexandri Magni Macedonis*, libri qui supersunt. Leipzig: Teubner, 1908.

QUINTUS Curtius Rufus; Heckel, Waldemar. *The History of Alexander translated by John Yardley*. London: Penguin Classics, 2016.

Bibliografia

ASIRVATHAM, Sulochana R. Perspectives on the Macedonians from Greece, Rome and Beyond. In: ROISMAN, Joseph; WORTHINGTON, Ian (Ed.). *A companion to ancient Macedonia*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010, p. 99-124.

BATSTONE, William. Provocation–The Point of Reception Theory. In: MARTINDALE, Charles; THOMAS, Richard F. *Classics and the Uses of Reception*. Malden: Blackwell, 2006.

BECK, Mark (Ed.) *A Companion to Plutarch*. Chichester: John Wiley & Sons, 2013.

CARNEY, Elizabeth. The Conspiracy of Hermolaus. *The Classical Journal*, v. 76, n. 3, 1981, p. 223-231.

_____. *Olympias: mother of Alexander the Great*. London: Routledge, 2006.

DOVER, Kenneth J. *Greek Homosexuality*. London: Bloomsbury, 2016.

GUGGENBERGER, Rainer. Nem bárbaros e nem helenos: os macedônios do sec. IV a.C. como terceira categoria em Plutarco. In: SEBASTIANI, Breno Battistin; RODRIGUES JR., Fernando; SILVA, Bárbara da Costa (coords.). *Problemas de Historiografia Helenística*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 43-79.

HAMILTON, J. R. The Date of Quintus Curtius Rufus. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 37, H. 4., 1988, p; 445-456.

MCQUEEN, E. I. Quintus Curtius Rufus. In: DOREY, T. A. (Ed.). *Latin Biography*. New York: Routledge, 2023.

PAUSE, Henrique Hamester. O VIR ROMANO: A CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO POR EXCELÊNCIA NO CONTEXTO DO PRINCIPADO. In: CAVICCHIOLI, Marina Regis; SILVA, Semíramis Corsi; AZEVEDO, Sarah Fernandes Lino de (Org.). *Gênero e poder na Antiguidade Clássica: perspectivas brasileiras*. 1. ed. Cachoeirinha: Fi, 2024, p. 410-440.

PINHEIRO, Joaquim José Sanches. *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

REAMES, Jeanne. An Atypical Affair? Alexander the Great, Hephaistion Amyntoros and the nature of their relationship. *The Ancient History Bulletin*, v. 13, n. 3, 1999, p. 81-96.

SWAIN, Simon C. R. Hellenic culture and the Roman heroes of Plutarch. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 110, p. 126-145, 1990.

VILLANI, Donata. Entre imitatio Alexandri et imitatio Herculis: Pompée et l'universalisme romain. *Pallas: revue d'études antiques*, v. 90, 2013, p. 335-350.

ZIEGLER, Vanessa. *Plutarco e a formação do governante ideal no Principado Romano: uma análise da biografia de Alexandre*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2009, 154f.